

# LAZER NA NATUREZA: UM DIÁLOGO DE ESPELHOS

**Carlos Rogério Ladislau**  
Universidade Estadual de Campinas

## Resumo

O presente texto dialoga com autores que tratam da problemática ambiental, tecendo considerações sobre o desenvolvimento de atividades de lazer/esportivas em contato com a natureza. Discute as possibilidades de intervenção no sentido da retomada do equilíbrio ambiental, baseando-se, para tal, na construção cultural da relação homem-meio ambiente.

Palavras-chave: lazer; esporte; meio ambiente; cultura.

## Introdução

Lazer e Natureza, cada qual em si, são duas fontes de polêmica. Considerar a junção dessas águas exige, então, um grande esforço de reflexão. E mesmo levando-se adiante tal empreitada, me parece impossível elaborar sobre esse assunto sem que sejam assumidos os riscos de uma análise limitada e parcial, pois são inúmeros os referências e as abordagens que tem servido de ponto de partida na consideração do tema, de forma tal que aquilo que pode ser considerado “positivo” em determinada análise, transforma-se no seu oposto após uma leve mudança no ângulo de observação.

Assim, no presente texto, ao incursionar pela literatura que trata do assunto, estarei me atrevendo ao exercício de fazer perguntas, certo de que, para muitas delas, não existe uma resposta, mas respostas várias, a serem construídas de acordo com cada situação, pautadas em interesses diversos e compromissos nem sempre conciliáveis.

Meu ponto de partida é a própria natureza desse trabalho: tenho afirmado, por vezes, que ele se justifica no iminente destaque que tem recebido as questões ecológicas e ambientais dentre as preocupações que se impõe para esse final de século.<sup>1</sup> Seria isso uma realidade? Ou seria mais um produto da mídia para vender manchetes? Diante do “caos ambiental”<sup>2</sup> que nos é mostrado no dia a dia, em diversos veículos da imprensa escrita e falada, creio ser inquestionável que tais questões tem alcançado um nível de projeção que é inédito em nossa história. Mas qual a relevância prática disso? Em que

---

<sup>1</sup> Apoio esse meu pensamento em diversos autores, que têm refletido sobre essa questão atualmente e que serão mencionados ao longo desse texto. Como ilustração, cito Ana Márcia Silva, *A dominação da natureza: o intento do ser humano*. De acordo com a autora, o movimento ecológico ou ambientalista constitui uma temática “que vem se firmando há algumas décadas (...) especialmente a partir dos momentos críticos pelos quais vem passando o planeta”. É considerado, pois, “um tema fundamental neste fim de século” (p. 124).

<sup>2</sup> Ao me utilizar dessa expressão, tenho em mente as mais variadas formas de desequilíbrio que podem ser identificadas contemporaneamente, quer se trate do campo material, social ou subjetivo.

isso altera o processo de degradação ecológica (no seu sentido mais amplo) levado a cabo atualmente? É claro que algumas intervenções são feitas e dão resultado. Bom exemplo disso é a suspensão (ainda que parcial) da utilização do CFC na fabricação de aerossóis e refrigeradores – um resultado de grande relevância da mobilização em torno da problemática ambiental e que tem possibilitado a estabilização do buraco na camada de ozônio do nosso planeta... Mas isso, a meu ver, tem suas razões plantadas em terrenos que ultrapassam o limite das preocupações ambientais e constitui apenas um dado que reforça minhas impressões de que a catástrofe ambiental é evitada apenas quando ela não pode se retirar em “guetos” carentes das mais diversas formas de assistência. Mas prossigamos com nossas impressões...

### **Um reflexo: a natureza frente ao homem**

Ao me debruçar sobre os motivos que são apontados por alguns autores como responsáveis pela atual crise ambiental, o que encontro? Nas palavras de Bijos: “Crescimento populacional exponencial; depleção da base de recursos naturais; sistemas produtivos que utilizam tecnologias poluentes e de baixa eficiência energética; sistema de valores que propiciam a expansão ilimitada do consumo material”.<sup>3</sup> Ora, para cada um desses fatores, o que se pode fazer? Seria possível vencer a população da periferia de São Paulo a frustrar as projeções atuais de 20 milhões de habitantes para aquela metrópole já na próxima década? O que dizer sobre a depleção da base de recursos naturais quando vemos índios nativos da Amazônia recolherem madeira de lei para comercializar com exploradores da região? E o que fazer frente a compulsão pelo consumo desenfreado, intensamente estimulado pela mídia e praticado pelo mais comum dos cidadãos hoje em dia? Ficam as questões.

Mas a literatura nos traz também um outro dado: grande parte desse processo seria culpa de uma concepção antropocêntrica, da qual nos fala bem Mauro Grün.<sup>4</sup> Segundo essa concepção, a satisfação humana é a causa última de qualquer processo, e em seu nome, o homem pode manusear, a seu bel prazer, todo e qualquer componente ambiental, independente do que isso possa ocasionar em termos ecossistêmicos. E é claro que uma relação estabelecida de forma tão desigual não pode gerar um resultado equilibrado. A consequência é o que se vê por aí: uma exploração irresponsável e muitas vezes desnecessária não apenas dos recursos naturais, mas também dos recursos humanos, quer se considere a esfera material, emocional ou simbólica. E sem querer dar a esse relato um tom dramático, o que se pode fazer para a reversão desse quadro que esteja distante de uma “lavagem cerebral coletiva?” Tais práticas e tais valores já nos são cotidianos e de tão comum, tornaram-se normais, assim como o é pagar a alguém

---

<sup>3</sup> Citado por GRÜN. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*, p. 22.

<sup>4</sup> GRÜN. *op. cit.*, p. 23. Elaborando sobre o enfoque cartesiano do meio ambiente, o autor destaca que “uma das principais causas da degradação ambiental tem sido identificada no fato de vivermos sob a égide de uma ética antropocêntrica. No sistema de valores formados em consonância com essa ética, o Homem é o centro de todas as coisas”. Essa posição é também destacada por Jeremy Rifkin. *The biotech century*, p. 199. Após fazer uma incursão pelos escritos do antropólogo C. R. Hallpike, este autor afirma que *“nossos conceitos de natureza são completamente antropocêntricos.*

para fazer um trabalho que nós próprios não faríamos pelo dobro do preço. Mas eles não são apenas fruto de uma concepção antropocêntrica: são processos que se normalizam nela, mas frutos de toda uma dinâmica incapturável, norteados por uma entidade chamada Mercado, de existência dita autônoma, mas dirigida sabemos por quais interesses.

Mas não posso deixar de pontuar a contradição desse processo: o mesmo norte que tem definido esse quadro atual, tem também estimulado a sua via contrária; dito de outra forma, o próprio Mercado tem promovido o retorno do homem à natureza, (ainda que esse retorno não signifique a instituição de uma relação verdadeira entre esses componentes) explorando suas mais diversas facetas, das quais destaco aqui as atividades desenvolvidas na esfera do ecoturismo. É claro que os fins últimos dessas ações podem ter sua melhor expressão sintetizada na palavra “lucro”,<sup>5</sup> mas não seria conveniente desconsiderar aqui as brechas abertas por elas para que sejam levadas a cabo algumas intervenções bastante significativas no campo do desenvolvimento sustentável dessas atividades. Digo isso porque elas serão desenvolvidas de uma forma ou de outra, independentemente do impacto ambiental que causam. Por isso é interessante construirmos bases para promover a intergração dos seus objetivos originais (aquisição de lucro) com estes outros objetivos, que poderíamos aqui chamar de ambientais.

Se considerarmos o estado atual das coisas, veremos, como nos aponta Krippendorf,<sup>6</sup> que no confronto entre as satisfações humanas e as necessidades ambientais, a natureza tem sido um tanto quanto prejudicada, já que a negligenciamos quando a atendimento de suas demandas implica em abrirmos mão de nossos prazeres e desejos. Um bom exemplo disso é a utilização de carros particulares: sem entrar no debate acerca de outros fatores que tangenciam a questão (como segurança, por exemplo), apenas uma parcela muito pequena de nós optaria pela utilização do transporte coletivo em prol de demandas ambientais.

E, embora esse modelo civilizatório esteja sendo questionado, e cada vez mais esteja sendo admitida a necessidade da construção de uma nova ética nas relações das sociedades entre si e delas com a natureza,<sup>7</sup> devemos reconhecer que apenas isso não é suficiente. É preciso promover mudanças nas políticas de desenvolvimento e encontrar alternativas para os modelos adotados até agora, já que, como nos alerta Guattari, “cada vez mais os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas”.<sup>8</sup>

Contudo, não seria conveniente desconsiderar aqui um certo processo de sensibilização ecológica pelo qual vem passando a opinião pública brasileira de

---

<sup>5</sup> Não desconsidero aqui a ocorrência espontânea desse tipo de atividade, mas defendo que grande parte do seu desenvolvimento atual deve-se as potencialidades de sua exploração comercial.

<sup>6</sup> KLIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo*, p. 154. “Estamos longe de aplicar os novos princípios que desejamos para nós. Queremos, por exemplo, manter um comportamento respeitoso em relação ao meio ambiente. Ora, apenas um pequeno número entre nós está disposto a agir de acordo com estes princípios e a reduzir os malefícios que provoca no mesmo. Utilizando, por exemplo, os transportes públicos, ao invés do carro particular...”

<sup>7</sup> GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*, p. 14.

<sup>8</sup> GUATTARI, F. *As três ecologias*, p.52.

maneira geral, muito embora, como nos adverte Padua,<sup>9</sup> ainda seja possível observar uma dualidade esquizofrênica quando comparamos as práticas e os discursos relativos à natureza no Brasil. Em outras palavras, paralelamente a toda uma retórica que enaltece as riquezas e belezas naturais do país, podemos perceber um processo de destruição sistemática dessas mesmas riquezas e belezas. E assim surge a questão: se o “brasileiro” reconhece a grandiosidade natural do seu país, por que não reconhece também – e atua nesse sentido – a necessidade de sua preservação? Aqui encontramos a grande justificativa para que ações efetivas sejam levadas a cabo nos planos educacional/cultural a fim de promover – ou pelo menos subsidiar – a promoção da conscientização acerca da responsabilidade de cada um de nós frente a problemática ambiental que se impõe nesses nossos dias.

## **O reflexo do reflexo: o homem perante a natureza**

Aceitando-se a necessidade dessa conscientização, um dos campos possíveis de intervenção consiste no das atividades esportivas ou de lazer realizadas em ambientes naturais, intimamente relacionadas ao desenvolvimento do ecoturismo. Analisando a discussão acadêmica do tema, a maioria dos autores que debruçam-se sobre ele, toma como positiva a relação entre esporte e meio ambiente, no sentido de considerar que, se por um lado, o ambiente natural é um grande incentivo para o desenvolvimento de atividades esportivas e de lazer, por outro, o desenvolvimento dessas atividades pode (e reitero: pode...) representar uma espaço fértil para a efetivação de iniciativas no campo da preservação ambiental.

Nesse debate, um dos pontos que devo destacar, e que mantém relação com a lógica antropocêntrica identificada anteriormente, é o que se refere ao homem como apenas uma parte da natureza,<sup>10</sup> e uma parte que seria autônoma, independente. Essa cisão homem/natureza traduz uma relação de dominação, como nos lembra Denyse Sant’Anna,<sup>11</sup> e faz com que o homem, ao contemplar questões referentes ao meio ambiente, esteja tratando apenas de algo externo a si, e não do seu ser-no-mundo, de sua corporeidade.

Alguns autores apontam no sentido contrário dessa visão; Heloísa Bruhns<sup>12</sup>, por exemplo, afirma que as experiências íntimas do corpo com a natureza podem expressar uma busca de reconhecimento do espaço ocupado por este corpo na sua relação com o mundo, e talvez um encontro bastante particular do homem com ele

---

<sup>9</sup> Citado por Célia Maria de Toledo Serrano *A vida e os parques: proteção ambiental, turismo e conflitos de legitimidade em unidades de conservação*, p. 108.

<sup>10</sup> GUIMARÃES, M. *op. cit.*, p. 30. O autor destaca a necessidade de se trabalhar intensamente a integração entre ser humano e ambiente, de forma a propiciar a conscientização de que o ser humano é natureza, e não apenas uma parte isolada dela.

<sup>11</sup> SANT’ANNA, D. B. *Das razões do culto ao corpo às condutas éticas*, p. 60. Utilizando o exemplo da relação entre o mar e o surfista, a autora coloca que o que ocorre entre eles pode ser denominado *relação de composição*, pois a integração entre ambos se dá em tal nível que não há separação; esta última, por sua vez, se torna evidente quando uma *relação de dominação* se estabelece, fazendo com que um de seus componentes não se pronuncie nela.

<sup>12</sup> BRUHNS, H. T. *O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico*, p. 136.

mesmo. Trata-se de uma dinâmica pendular, à medida que ao se reconhecer intimamente, o homem se percebe ser-no-mundo, voltando-se necessariamente para os fatores que o cercam, todos contidos no seu espaço, seu ambiente. Na via oposta, o homem é o próprio polo perceptual desses fatores, motivo que o leva a voltar-se para si no momento em que abre-se para o meio.

No curso desse processo, a cultura é um fator de grande peso, pois todas essas percepções se dão através da sua lente.<sup>13</sup> Assim, corpo e meio ambiente são sínteses culturais, pois expressam, nos dizeres de Jocimar Daólio,<sup>14</sup> elementos específicos da sociedade da qual fazem parte. Seguindo esse pensamento, me parece possível afirmar que, sendo o meio ambiente e o corpo elementos que se constituem à medida que são lapidados pela cultura, o relacionamento do homem com a natureza é também uma construção cultural, construção essa que nos abre a brecha necessária para fundamentar nossas prerrogativas de intervenção.

E assim constituímos nosso diálogo de espelhos, reflexo respondendo a reflexo. Se alteramos a cadeia em algum ponto, temos a propagação indefinida (e entenda-se: indefinida) dessa onda, que pode acarretar resultados à medida e ao nível em que forem operados os estímulos. Dito de outra forma: acredito nas potencialidades de uma intervenção séria e responsável no sentido da promoção de maiores índices de consciência ambiental, a qual pode ser originada em diversos âmbitos, inclusive no espaço daquelas atividades desenvolvidas em ambientes naturais nos momentos de lazer. Nesse sentido, se temos uma relação (homem/natureza) que se constitui mediante um processo cultural, e este mesmo processo sofre a interferência desses dois elementos, temos ao nosso alcance grandes possibilidades de mudar o curso dos processos ambientais que ora estão ocorrendo, buscando a viabilização de um nível cada vez maior de equilíbrio entre as espécies que habitam esse planeta e delas com o meio em que vivem.

### ***Abstract***

*This paper deals to environmental problem according to the studies of some authors about this subject, using as reference the development of leisure and sportive activities in nature. Based to cultural construction of the human-environment relationship, it discusses the intervention possibilities in order to recover the environment.*

*Key-words: leisure, sport, environmental, culture.*

---

<sup>13</sup> BRUHNS, H. T. *Lazer e meio ambiente*, p. 88. Citando Rodrigues, a autora diz que “o ser humano possui uma estrutura biológica que lhe permite ver, ouvir, cheirar, sentir e pensar; porém a cultura ‘fornece o rosto de suas visões, sentimentos e pensamentos, criando novos cheiros, sons e visões, construindo novos universos – e novos corpos”.

<sup>14</sup> DAOLIO, J. *Os significados do corpo para a cultura e as implicações para a Educação Física*, p. 25.

## Referências bibliográficas

- BRUHNS, H.T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 18, n. 2, 1997.
- \_\_\_\_\_. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, C.M.T. & BRUHNS, H.T. (Orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997. 150p.
- DAOLIO, J. Os significados do corpo para a cultura e as implicações para a Educação Física. *Movimento*. ano II, n.2, 1995.
- GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. Campinas, SP: Papirus, 1995. 120p.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. 6ed. Campinas, SP: Papirus, 1997. 56p.
- GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas, SP: Papirus, 1995. 107p.
- KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1989. 235p.
- RIFKIN, J. *The biotech century*. New York: Jeremy P.Tarcher/Putnam, 1998. 271p.
- SANT'ANNA, D.B. Das razões do culto ao corpo às condutas éticas. *Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Florianópolis: CBCE, 1999. p. 57-61
- SERRANO, C.M.T. A vida e os parques: proteção ambiental, turismo e conflitos de legitimidade em unidades de conservação. In: SERRANO, C.M.T. & BRUHNS, H.T. (Orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997. 150p.
- SILVA, A.M. A dominação da natureza: o intento do ser humano. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 18, n. 2, 1997.

**Carlos Rogério Ladislau** é mestrando da Faculdade de Educação Física da Unicamp e bolsista da Capes.

E-mail: ladislau@fef.unicamp.br